

## ***FGV Justiça realiza a segunda edição do curso “Desafios da democracia no século XXI”, voltado para magistrados brasileiros***



Entre os dias 02 e 06 de dezembro ocorreu na sede da FGV-Rio, na Praia de Botafogo, a segunda edição do curso “Desafios da democracia no século XXI”. Coordenado pelo ministro do Superior Tribunal de Justiça, **Luís Felipe Salomão**, pelo professor Dr. **Pedro Villas Bôas** (Iesp-Uerj) e pelas pesquisadoras **Blanche Marie Evin** (NDD-Cebrap) e **Lívia Ferreira** (FGV Justiça), o curso é destinado a magistrados de todo o Poder Judiciário brasileiro.

Buscando uma compreensão mais complexa e rica da sociedade brasileira, o curso contou com corpo docente qualificado, de diversas instituições do país, abordando diferentes linhas das ciências políticas e sociais.

O professor **Luiz Augusto Campos**, do departamento de Sociologia e Ciência Política do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Iesp-Uerj) e coordenador do Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa (Gemaa), proferiu a primeira aula do programa, intitulada *Desigualdade de raça no Brasil*. Com abordagem histórica, sociológica e demográfica, Campos apresentou um panorama da raça e do racismo brasileiro até a implementação das políticas de ações afirmativas, recentemente formuladas no país. Segundo o professor, as políticas de ação afirmativa no Ensino Superior são uma forma de refundar a universidade brasileira em seu caminho constitucional. Ressaltou o docente que, a despeito dos significativos avanços no país, o aperfeiçoamento da democracia brasileira, no que tange a estrutura demográfica racial, ainda apresenta um longo caminho.

**Octávio Guedes**, jornalista do canal GloboNews, proferiu, na noite de segunda-feira, a aula inaugural. Em conversa franca e aberta com os alunos, trouxe suas percepções e impressões políticas. Guedes compartilhou suas experiências na cobertura dos episódios recentes da política brasileira, incluindo a constante disputa entre o setor militar e o judiciário. Para o jornalista, é preciso repensar a existência de uma “cultura de golpe” no país.

**Carlos Milani**, professor titular de Relações Internacionais do Iesp-Uerj, ministrou, na manhã de terça-feira, a aula *Meio ambiente, política e mudanças climáticas*. Milani que também é Senior Fellow do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri) e membro do Climate Social Science Network (CSSN – Brown University, EUA), trabalhou o conceito de antropoceno e sua relação humano/ambiente para pensar a era contemporânea. Na aula, o professor ressaltou o efeito nefasto das falsas informações contrárias à promoção de políticas de caráter ambiental. As instituições, lembrou Milani, estão sempre em processo de democratização e sempre sobre ataque, o que torna incontornável o alinhamento entre democracia institucional, regulação das plataformas e concepção e aplicação de políticas públicas de defesa do meio ambiente.

Na noite de terça-feira, o professor de Relações Internacionais da FGV-RI-SP, **Pedro Brites**, apresentou um panorama da ordem internacional contemporânea. A fragilidade atual da liderança norte-americana, assim como o impacto sofrido pelos países do Sul global, diante dos efeitos das mudanças climáticas, foram ressaltados. Como chave de interpretação da política interna brasileira, Brites frisou o efeito da polarização mundial. Segundo ele, “a rivalidade entre China e EUA também pode ser percebida, de alguma maneira, no cenário competitivo doméstico”.

Na aula de quarta-feira de manhã, os professores **Pedro Villas Bôas** (Iesp-Uerj) e **Carina Gouvea** (Ufpe) apresentaram o conceito de Democracia Militante como uma possível resposta ao extremismo. A militância democrática surgiu, segundo os professores, como alternati-

va à ascensão da extrema direita em diversas partes do mundo. As ameaças aos sistemas eleitorais, os ataques às instituições judiciais, as invasões e depredações de assembleias legislativas, além das tentativas de golpe ou desmantelamento do Estado Democrático de Direito, requerem uma resposta à altura. A preservação dos direitos fundamentais e a defesa das instituições contra movimentos extremistas que disseminam desinformação, ódio e violência, tanto nas ruas quanto nas redes sociais, exigiriam, segundo eles, uma postura proativa dos governos liberais que pode ser pensada a partir do conceito histórico de democracia militante ou defensiva.

Debatendo os desafios e problemas da Segurança Pública no Brasil, **Jacqueline Muniz**, professora do Departamento de Segurança Pública do Instituto de Estudos Comparados de Administração de Conflitos (Ineac/UFF), membro do Grupo de Estudos Estratégicos (GEE-Coppe/UFRJ) e sócia fundadora da Rede de Policiais e Sociedade Civil da América Latina, apresentou a aula de quarta-feira à noite. Em narrativa performática, Muniz contou com extenso uso de dados, jogando luz sobre o entrelaçamento entre polícia, território, violência e desigualdade brasileira.

No penúltimo dia, os professores **Yago Paiva** (Iesp-Uerj) e **Victor Piaia** (FGV-Comunicação Rio) introduziram o uso de Inteligência Artificial para pensar a estratégia comunicacional dos partidos políticos nas disputas eleitorais. O conceito de Fake News, como uma ação deliberada e planejada a fim de disseminar alegações falsas sobre a realidade ocupou lugar central na análise. Ao apresentarem o caso das eleições municipais de 2024, no Rio de Janeiro, os professores ressaltaram o caráter experimental da comunicação digital na política: “cada eleição é um pequeno laboratório das formas e usos da IA”.

Já a pesquisadora **Debora Thomé**, do Centro de Política e Economia do Setor Público da Fundação Getulio Vargas em São Paulo (FGV Cepesp) e autora do livro *Candidatas, os primeiros passos das mulheres na política no Brasil*, publicado pela Editora FGV, ministrou a aula Violência política de gênero. Trazendo uma chave de leitura pautada nas concepções de gênero, Thomé enfatizou o vergonhoso lugar do Brasil na representação política feminina. No que diz respeito à representatividade na Câmara baixa, ou Congresso Nacional, o país ocupa a posição 134.

No último dia do curso, o professor do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP), **Ricardo Mariano**, apresentou seu estudo sobre os evangélicos e a política no Brasil. O professor, que é autor do livro *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, ressaltou a fusão entre a extrema direita e os evangélicos. Com um universo heterogêneo e complexo, afirmou o professor, os evangélicos são o grupo religioso que mais cresce no mundo. No Brasil, o ativismo político do grupo tomou forma, para o pesquisador, sobretudo, a partir da década de 1980, no resgate a valores conservadores da família e pautas consideradas antiprogressistas. A partir de 2003, com a criação da frente parlamentar evangélica e do contínuo aperfeiçoamento de uma estratégia política centralizada em únicos candidatos, o grupo ganhou ainda mais força. Segundo Mariano, o avanço da extrema direita no país não pode ser compreendido sem se levar em consideração o processo de evangelização em curso.

**Carlos Pereira**, professor da Escola de Administração Pública da FGV-Rio (Ebape) ministrou a aula de encerramento. Pautado no seu livro escrito em parceria com Marcus André Melo, *Por que a democracia brasileira não morreu?*, publicado pela Companhia das Letras, Pereira ressaltou as características singulares institucionais do Brasil como forma de entender a garantia da democracia. Segundo o autor, a divisão dos poderes e as funcionalidades e disfuncionalidades do modelo político brasileiro devem ser entendidos em relação direta com o sucesso e permanência da democracia liberal.

O Curso “Desafios da democracia no século XXI” é uma iniciativa do Ministro **Luis Felipe Salomão** (STJ) em conjunto com o centro de pesquisa FGV Justiça. A formação continuada na área das ciências sociais é compreendida como uma oportunidade de complementar a formação interpretativa dos juízes e desembargadores brasileiros. A perspectiva histórica, filosófica e sociológica proporciona uma abordagem complexa dos casos contemporâneos, gerando, como consequência, uma interpretação mais profunda da realidade brasileira.